

TECENDO E RESSIGNIFICANDO CERTAS CONTINUIDADES E RUPTURAS NA EDUCAÇÃO ESTÉTICA DE DEVOTOS-ARTISTAS DE SANTOS REIS

Marcos Antônio Soares

Professor Adjunto da Faculdade de Artes Visuais da UFG

Trabalho vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da FE/UFG

Comunicação

Cultura e processos educacionais

Resultado de uma pesquisa de doutorado, o presente trabalho analisa determinados aspectos da educação estética de devotos-artistas que integram as Companhias de Santos Reis do Jardim das Aroeiras e do Jardim Primavera, situadas em Goiânia, Goiás. Com base num referencial de orientação histórico-dialética, em especial, com as contribuições de Antonio Gramsci e de autores vinculados à perspectiva teórico metodológica marxista, encaminhou-se uma pesquisa bibliográfica e empírica do tipo etnográfica. Nesta, objetivou-se uma análise de determinados conceitos do campo artístico e educacional, assim como, de aspectos de uma situação educativa concreta e compartilhada por devotos-artistas de Santos Reis, tendo em vista a compreensão do processo de mediação, apropriação e socialização do saber artístico engendrado num contexto sociocultural, o qual, relacionado com certas vontades e atitudes, fazeres e saberes, modos de ser e viver das classes populares.

Palavras-chave: Educação – ensino de arte – Folia de Santos Reis

A dinâmica do educar

A partir dos resultados de uma pesquisa de doutorado, neste trabalho, objetiva-se uma análise sobre a educação e a cultura artística de um grupo de devotos-artistas integrantes das Companhias de Santos Reis do Jardim das Aroeiras e do Jardim Primavera, moradores de bairros da periferia de Goiânia, Goiás.

Com base nos pressupostos construídos durante as investigações e nas situações e interlocuções mantidas com alguns dos sujeitos que participaram deste processo, no decorrer dos anos de 2004 até início de 2006, foi possível a análise de determinados aspectos que caracterizam o processo de mediação, apropriação e socialização do saber artístico engendrado num contexto sociocultural, em particular, o contexto que caracteriza certas vontades e atitudes, fazeres e saberes, os modos de ser e viver das classes populares.

Apoiando-se num referencial de orientação histórico-dialética, compreende-se que as tradições e as produções culturais populares, em geral, possuem uma dinâmica particular, um movimento dialético de conservação e transformação. Nesta perspectiva, entende-se que são várias as dimensões do campo popular, sendo estas consideradas, entre outros aspectos, como realidades sociais mutáveis, inter-relacionadas e em processo de construção. Realidades sócio-históricas, dialeticamente formadas por continuidades e rupturas.

Nesta situação, um grupo de Folia de Santos Reis se caracteriza como instância sociocultural que produz, preserva, ordena, significa e socializa determinados saberes teórico-práticos, imbricados nos campos da religião, da arte e da educação. Entende-se

que a Folia de Santos Reis tem a ver com necessidades sociais, históricas, religiosas, artísticas e educacionais de determinados grupos localizados em um dado tempo e lugar. Esta se caracteriza como um fenômeno sócio-religioso popular, expresso por práticas artísticas e devoções, constituído por relações socioculturais, trocas simbólicas e materiais, assim como, por lembranças e práticas educativas estabelecidas entre os seus sujeitos. Ademais, apresenta-se como a realização de uma intenção construída coletivamente, objetivando o anúncio, a louvação e a comunhão de seus devotos com a fé nos *Santos Reis Magos*, por meio da peregrinação, da cantoria, do cumprimento de promessa, da coleta de donativos, da alegria e de celebrações festivas. A Folia de Santos Reis afirma-se, assim, como uma manifestação cultural de nossa sociedade, uma expressão coletiva da práxis humana que se constitui com base numa produção social marcada por significados que dão sentido à existência de determinados indivíduos. Além disso, entende-se que é esta a expressão de um movimento dinâmico e complexo da vida social, vinculado a um conhecimento especializado que é e necessita ser preservado, transformado e mediado por determinados processos educacionais que são engendrados em diferentes situações vividas dentro e fora de um grupo, em especial, durante os momentos de intensa convivência das pessoas nas longas, árduas e singulares jornadas de uma Companhia de Santos Reis.

Considerar a prática educativa como uma realização efetiva na Folia, implica, sobretudo, a compreensão de que no interior da cultura popular se articulam e se movem as forças de sua reprodução, conservação e direção cultural. Na cultura popular – vista como uma estrutura social ativa – vários fatores contribuem na determinação de sua concretude histórica. Esta deve ser considerada tanto por suas diferentes manifestações como pelo poder, motivação e valor que a engendra – resultado do trabalho acumulado de uma rede de relações, sujeitos e gerações, com suas determinantes internas e externas de um grupo particular (GRAMSCI, 2001; BRANDÃO, 2002).

Situados e constituídos no campo de sua *culturalidade* e *historicidade* – com sua materialidade, formatividade, valores, significados e sentidos – os indivíduos interagem entre si e com suas realizações, fazem circular e circulam entre suas produções. No contexto da Folia – na qual se relacionam produtores e processos rituais, sentidos e símbolos de vida, espectadores e devotos, agentes internos e externos – os sujeitos se apropriam de uma produção coletiva e singular do ser humano. De algum modo e em um tempo-lugar específico, a interação de uma pessoa com e na Folia resulta de uma motivação, tendo em vista sua realização e satisfação. Ela pode envolver tanto motivações de fé e devoção às entidades consagradas como a satisfação de estar junto a outros indivíduos realizando um trabalho expressivo, significativo, criativo e reiterativo de valores e práticas culturais.

Assim, neste campo de *mediação* em que se articula a *produção* da Folia, o *contexto* social no qual esta se situa e o *indivíduo* com suas vontades, necessidades e possibilidades, a educação se constitui como uma rede de trocas simbólicas, de partilha e construção de saberes, renovação de vontades e projetos, ou seja, um campo de mediação e apropriação de uma cultura artística-religiosa que se sabe, se ensina e se desenvolve.

Toda história tem um início

Nas entrevistas realizadas com os participantes-sujeitos das Companhias, perguntados sobre o envolvimento e a história na Folia, sobre como, onde e quando cada um conheceu e iniciou a participação em um grupo, em particular, no grupo do Jardim das Aroeiras e Jardim Primavera, a singularidade é uma característica marcante.

Nas histórias vividas e contadas pelos devotos-artistas, Ademir Felicíssimo fala de seu primeiro contato com a Folia em Minas Gerais e de sua continuidade em Goiás. Miguel Prudêncio Vilela lamenta as dificuldades pelas quais passou até entrar e participar de fato em um grupo. Osvaldo Pereira dos Reis comenta de sua grande emoção e surpresa em integrar-se ao grupo. André Borges de Araújo destaca a tradição da Folia que vem passando por gerações em sua família: “Essa é uma tradição que veio de bisavô, veio avô, e veio meu pai mais minha mãe”. Cada um fala de um tempo único e individual, situado num contexto de variados sujeitos e relações de um ritual anterior. Cada história possui percursos distintos – alguns começaram a participação na Folia ainda criança e outros bem mais tarde, quando adultos. Há momentos de encontros, chegadas e partidas; de interrupções em virtude do trabalho, mudança de localidade e outros motivos, como diz, Ademir – “Dessa época pra cá num andei em Folia mais”; “Que eu retornei pra Folia de novo” – e Miguel – “Eu larguei, abandonei a Folia.” Tanto há conflitos de interesses, relações de poder e restrições como convergência de interesses, abertura à participação – Miguel relata que mesmo possuindo as condições para participar da cantoria, “o embaixador não deixava cantar [...] não dava oportunidade”; enquanto Osvaldo, assumindo que nunca cantou na Folia, foi logo convidado a se incorporar no grupo: “[...] mas eu nunca cantei numa folia. Eu num sei, eu num tô entrosado com ocês”, mas, incentivado por Miguel, recebe o convite para participar do grupo. A história de início na Folia guarda emoções – como a do Osvaldo: “E eu tava tão fora que eu arrepiei tudo assim, deu uma tremedeira, sabe? Aquele emoção [...] aquela alegria de receber eles” – e amizades – como expressa Ademir: “E Folia sempre a gente vai conhecendo uns amigos, sempre a gente tem mais um contato, com o amigo seu diferente um do outro”; e Miguel: “[...] toda vida eu fui uma pessoa de ter muita amizade, humilde [...]”.

Dos depoimentos apreende-se a noção de que a vida humana não é previsível, mas decorre de uma vontade e ação dialética e objetiva dos sujeitos, definindo um modo de vida em um dado tempo e lugar social. Diferentes motivações e fatores sócio-individuais se confrontam com dadas condições, e, de algum modo, as pessoas se encontram ou são encontradas por um grupo de Folia – e com ela seguem por um período maior ou menor de tempo, muitas vezes, marcado por interrupções ou descontinuidades no envolvimento do indivíduo com um grupo. Como se expressou André: “Comecei com dezoito anos, completei sessenta [...] dia três. E tô na luta do dia-a-dia com a Folia dos Reis.” Luta com o sentido de determinação, disciplina e trabalho cotidiano na produção e reinvenção da tradição da Folia. Uma história construída pelo ser humano que é, também, sujeito dela. Tal como afirma Vázquez (1977, p. 329): “[...] a história só existe como história feita pelos homens, e estes só existem produzindo uma nova realidade com sua práxis produtiva e produzindo-se a si mesmos num processo que não tem fim.”

Enquanto sujeitos da/na história, os indivíduos transformam o mundo e a si mesmos. Socialmente situados, fazendo e sendo feitos pela história, os devotos-artistas compõem suas histórias com suas intenções e atividades, nas quais se integram diferentes situações. Explica Ademir: “Fui crescendo, fui pra Bahia trabalhar com 14 anos. Trabalhei uns tempo na Bahia, voltei. [...] Na época qu’eu entrei no circo, e vim aqui pra Goiás. [...] Aí fui trabalhar todo dia pros outros, do mesmo jeito [que antes]. [...] Eu comecei de novo na folia cantando em cinco voz. De cinco, passava pra seis.” Na fala de Miguel se destaca: “Quando eu tava com oito anos, eu comecei a participar de Folia. Quando tava com 14 anos, eu era palmeiro [catireiro] na folia. Mas eu já sabia fazer tudo quanto é voz na folia.” Diz André: “Eu comecei com oito anos de idade.

Através da minha família. Tinha meu padrinho que era embaixador, minha mãe que rezava terço, meu pai comandava o grupo de folia.”

Aparecem nas falas repetidas referências de outros sujeitos que ajudaram, iniciaram, orientaram, receberam, apoiaram e ensinaram. Como a Folia é um espaço social atento e aberto à continuidade, um espaço de constantes e múltiplas influências, nela circulam influências externas que afetam a vida dos moradores de um lugar e internas que interferem no modo de ser no grupo. Dos mais jovens aos mais velhos, todos foram e são influenciados no contexto de realização da Folia, em especial, aqueles que participam como seus agentes. Sobre este aspecto, pode-se ainda destacar das falas dos sujeitos: “Através dele eu comecei a embaixar folia” (Ademir); “Aí eu ensinei uma garotada das minha parte. E os velho, ensinei os velho pular” (Miguel); “Aí fiquei conhecendo, através do Miguel, o pessoal. Já me deram apoio, eu entrei no grupo” (Osvaldo); “Eu comecei com oito anos de idade. Através da minha família” (André).

Na explicação dos mais jovens sobre esta convivência, influência e educação em um grupo de Folia, outros aspectos se sobressaem como, por exemplo, na fala de Graciana Dábila de Sousa – “[...] depois de algum tempo, já fui aprendendo as coisas, tipo assim, “pegando a manha”. Aí eu fui gostando da Folia, fui pegando... Aí entrei definitivamente [...]” – e Reily Junior Pereira de Sousa – “[...] Aí vinha eles, aí chegaram lá. Eu achei bonito, eu gostei muito das palhaçadas do palhaço, a cantoria. Desse dia eu me interessei. Meu pai já era folião! Desse dia pra cá sempre gostando [...]”. Apreende-se que é na inter-relação direta dos sujeitos com os protagonistas e a trama do ritual aos Santos Reis que se constrói a relação de percepção, apreciação e sentido entre os sujeitos – condição esta primordial no processo de aproximação, interesse, intencionalidade, envolvimento e prazer de estar numa Companhia. Influenciados pela própria produção, processo e atividade ritual, incentivados pelos pares – familiares e outros indivíduos mais experientes e sabedores de seu ofício – e cientes de que podem e querem participar da realização da Folia, tais fatores convergem para esta integração e motivação de estar num grupo.

As relações e situações educativas que influenciam no saber artístico, em particular, na educação musical, não se restringem ao contexto da Folia. No caso de Graciana, observa-se uma rica diversidade de agentes, conteúdos e formas educativas. Conforme seu relato, a aprendizagem do pandeiro foi iniciada e mantida com a avó e o grupo no decorrer da jornada e cantoria da Folia. Com um tio e um professor particular, dedicou-se ao estudo do violão. Nos finais de semana, sua atividade estava voltada para o canto acompanhado de violão na igreja do bairro. Em outros momentos, comenta sobre as tentativas e as dificuldades de aprendizagem em relação à sanfona, tarefa na qual contava com a orientação do avô e outros companheiros de Companhia. Além destas aprendizagens e situações educativas, foi possível observar e registrar várias outras atividades da jovem foliã com a caixa, o cavaquinho e a viola, inclusive, participando da cantoria.

Acompanhando a intensa atividade produtiva das Companhias em suas jornadas, observou-se um contexto profícuo à educação, na qual se evidenciou um aspecto essencial destacado pelas teorias educacionais, ou seja, a satisfação de aprender e socializar um saber. Na fala de Graciana a atividade aprender está unida com o gostar: “[...] fui aprendendo as coisas [...] fui gostando da folia.” E, do mesmo modo, na fala de Reily: “Eu achei bonito, eu gostei muito [...] Desse dia eu me interessei. [...] Desse dia pra cá sempre gostando. [...] eu fiquei muito interessado pra entrar no grupo.” Realiza-se no contexto da Folia, em geral, aquilo que defendia Snyders (1981), referindo-se ao contexto da escola, sobre a necessidade de uma realização pessoal e coletiva com as riquezas da cultura, uma *satisfação cultural mediada por alegrias estéticas*.

Como um ser social, o indivíduo é um ser que forma também a si mesmo. Capaz de determinar tanto os processos essenciais ao seu desenvolvimento como, se necessário, romper com certas forças sociais que o impedem de avançar. Mediado por relações socioculturais, o ser humano é capaz de se auto-educar e de direcionar suas ações na consecução de determinados objetivos. É dentro desta condição, nos relatos de Ademir, Miguel e André, que se situam certos processos de aprendizagem. Num primeiro momento, as falas expressam, enfaticamente, uma situação de aprendizagem autônoma, individual, independentemente de outra pessoa. Ademir afirma que “aprendeu sozinho”; Miguel diz que não teve ninguém para lhe ensinar; André considera que foi ele mesmo que se educou na sanfona. Porém, continuando suas falas, evidencia-se que a interação com outro – o pai, o embaixador e o tio, respectivamente – determinou uma condição educativa fundamental naquele momento. Condição esta tão interessante como o modo que iniciaram sua aprendizagem na música, isto é, fabricando e tocando no próprio instrumento como Ademir, acompanhando por um longo tempo a Folia e catando baixo para não atrapalhar a cantoria como Miguel ou tocando Folia com uma “sanfoninha” de criança, como expressou André. Desde criança, há em comum entre eles o interesse, a persistência e a criatividade na realização de seu ideal – condição esta nada fácil de ser constituída e praticada em qualquer lugar e época.

Saberes e processos educativos

Nos depoimentos e nas observações sistematizadas no decorrer da pesquisa, reafirmou-se o entendimento do ritual da Folia de Santos Reis como uma construção social. Para sua realização, demanda-se um trabalho intenso, cansativo e difícil, no qual se exige organização e dedicação de um grupo. Vários esforços e atividades individuais e coletivas se somam. Além disso, evidencia-se a noção de que a concretização deste trabalho decorre de um saber especializado e elaborado, somente possível mediante um aprimoramento contínuo e um intenso processo de aprendizagem – o que contraria, certamente, algumas impressões imediatas ou explicações que apresentam como “naturais” e “espontâneas” a realização destas práticas culturais.

Pode-se afirmar que o saber estético-artístico que se processa no contexto da Folia não se separa do saber educativo. Dessa perspectiva, quanto mais rico o seu conteúdo – constituído nas relações e práticas rituais –, mais rico o seu poder de influência social – determinante no modo de ser dos indivíduos dentro e fora da Companhia. Tomando por referência a análise de Abbagnano (1998), observa-se, em geral, no período de jornada da Folia, que os devotos-artistas assumem em suas práticas duas concepções de música, ou seja, como mensageiros empenhados numa missão, convictos de sua fé e devoção religiosa, a música é tanto possibilidade de realização de um conhecimento e sentimento elevado, como uma construção artística, relacionada com uma “técnica ou um conjunto de técnicas expressivas que concernem à sintaxe dos sons”. A música e o ritual da Folia, como um todo, possui uma característica teologizante, realizada pelo coletivo musical com base no princípio de que sua qualidade – expressa na harmonia de forma e conteúdo – favoreça o sentimento de fé e o desenvolvimento espiritual dos fiéis.

É condição fundamental à qualidade da produção de uma Companhia tanto a unidade de um grupo na consecução do ritual da Folia como a aprendizagem desta tradição. A necessidade da educação está expressa, por exemplo, nos que apreciam a Folia e nos que a executam – “É bonito demais, eu queria aprender”; “É porque ele não ensinou a turma dele” (Miguel). Considerando o conhecimento acumulado e o processo de produção-reprodução desta tradição, sem esta aprendizagem – constituída num

sistema que circulam saberes e sabedores, como afirma Brandão (2002, p. 93), “um complexo sistema de valores e significados” em “estruturas sociais de produção cultural” – não se consegue a realização da Folia.

No entendimento de André, além de constituir “muito” conhecimento na tradição, este conhecimento “num é fácil”. É necessário estudo – basicamente, do conteúdo bíblico e da música – e vivência com a tradição, sobretudo, em relação ao saber que não está escrito em nenhum livro. A afirmativa de André – “parece que é um espírito, o Espírito Santo que vem na pessoa” – denota que a noção de proteção e condução divina faz parte do sentimento e da representação da maioria, senão, de todos no grupo. No entanto, essa aparência é posta em dúvida pelo próprio folião, quando argumenta sobre as exigências da qualificação: “Se fosse fácil embaixar todo mundo era embaixador, por isso que tem pouco embaixador”.

Ao argumentar sobre as dificuldades de aprendizagem dos instrumentos utilizados na cantoria da Folia e a mediação de outra pessoa neste processo, André afirma que todos os instrumentos musicais utilizados na Folia são difíceis, exigindo-se intensa dedicação e persistência dos aprendizes no seu processo de aprendizagem. Argumenta, ainda, que o sujeito necessita ter o “dom” para a música “entrar na cabeça”, porém, em seguida, destaca ele: “E do quê que adianta ocê ser professor? Se eu num vô dedicar aquilo, uai! Agora, se ocê é o professor, ocê tem idéia pra aquilo e eu tenho idéia pra aquilo, então eu vô aprender as parte junto com você”. Verifica-se que o “dom” está condicionado à atividade prática, à dedicação contínua com o instrumento, senão, o processo de aprendizagem do instrumento se inviabiliza. Para ele, numa relação de co-responsabilidade, de uma parte com o outro, é que o processo educativo se encaminha: “[...] eu vô aprender as parte junto com você”. Até mesmo em seu próprio caso, quando alega ter aprendido “olhando os outros” tocar ou sem uma orientação direta de outra pessoa, ele enfatiza a necessidade do esforço, dedicação, exercício, enfim, a prática intencional e contínua com o objeto de sua aprendizagem. Além disso, reconhece que a educação encaminhada com orientações e explicações de um professor resulta em uma aprendizagem mais rápida de um determinado saber musical por um educando. É preciso destacar que André costuma auxiliar e orientar outros foliões que estão aprendendo a tocar sanfona e exercer outras funções na cantoria, como no caso de seus netos e outros jovens que participam no grupo.

O sistema de saberes que se processa num pequeno grupo de devotos, como no grupo estudado, se mantém numa estrutura hierárquica com níveis e modos variados de saber artístico e devocional, porém, não numa estrutura com “postos de uma hierarquia rígida” – como afirmou Brandão (2002). Percebe-se a existência de variados “códigos de regras e princípios de participação” e “uma estrutura interna de reprodução do saber que ali existe e que transfere os segredos do que se faz e do que se crê” (BRANDÃO, 2002, p. 93). Entretanto, não de um modo tão organizado e estruturado, nem tão “rigorosamente sistemático”, conforme enfatizou esse autor. No grupo investigado, há uma estrutura interna de produção-reprodução “de categorias de mestres e especialistas a categorias de discípulos e participantes-aprendizes”, mas reconhecendo-se todos, inclusive crianças, como agentes ativos de educação no grupo, em especial, os que possuem maior saber dentro do ritual. Talvez seja isto – este saber compartilhado e em transformação, e esta troca de papéis no ato educativo – que André quis dizer quando afirmou: “*Cê passa um bocado [de conhecimento] pra mim, e olha lá que, daqui uns dias, eu vô ser o professor seu. Diz que o aluno aprende mais que o professor*”.

Nas duas Companhias, Miguel é considerado a referência importante para os foliões quando se trata de “saber ensinar”, porém não a única referência dentro da Companhia, conforme expressam os depoimentos. Os foliões, em geral, expressam um

caráter formal dos papéis de mediadores daqueles “que sabem”, “do educador”, “do professor”, no entanto, sem uso de referências em relação a um modelo de educação escolar. Na folia é comum conceber a disciplina e a vontade para aprender como processos simultâneos à disposição para ensinar. De fato, em sua etimologia, a palavra *discípulo*, do latim *discipulus*, provém de *discere*, referindo-se ao ato de *aprender* e à prática necessária ao que se aprende ou que se deixa ensinar. Assim, o termo *disciplina* possui o sentido de ordem necessária para se efetivar a aprendizagem ou o que foi aprendido. A palavra *discere* tem sua origem de *docere* que expressa a noção de *ensinar*, de onde deriva a palavra *docente* e *docência*. Por sua vez, a palavra *docere* vem do grego *dokeo* ou *doxa*, relacionada com pensamento ou opinião e de onde surge *doctore*, com o significado de conhecedor de uma disciplina, mestre, erudito ou autoridade dedicada ao pensamento (Cf. *Diccionario Etimológico*. Disponível em: <<http://etimologias.dechile.net/>>. Acessado em: 20 jun. 2006).

Nos grupos de Folia, em geral, os versos são repassados oralmente a cada geração de foliões. Aprendidos e mantidos na memória, os versos são cantados e declamados coerentemente com as circunstâncias e etapas do ritual – o que exige trabalho, atenção e conhecimento dos sujeitos em relação à tradição. No caso das Companhias investigadas, além da transmissão oral, os versos são também “recolhidos” de variadas fontes e repassados aos foliões em folhas escritas para serem estudados, servindo de referência àqueles que não sabem. Além das folhas com os versos é comum o estudo do texto bíblico. No entendimento de Miguel, esta é a maneira mais prática e rápida do grupo aprender e lembrar o conjunto de versos da cantoria.

Uma abordagem dos processos educativos na Folia se apresenta de modo bastante representativo nas afirmativas de Ademir:

Marcos Antônio Soares (MS) – Como é que as pessoas vão aprendendo as coisas dentro da folia?

Ademir Felicíssimo (AF) – Elas vão aprendendo o seguinte... é conforme o que eles vê a gente fazer. Às vezes, eles tem vontade, igual envém essas criança aí. Uma tem vontade pega o pandeiro e bate. Quando é mais tarde, ele já resolve pegá uma caixa e bater. E já aprendeu bater a caixa e o pandeiro, quando é amanhã ele já quer é cantar. Ele já pede pra cantar uma três voz, uma cinco voz, uma quatro. Depois de amanhã ele já quer cantar na resposta, fazer segunda. Quer cantar lá na frente junto com o embaixador. Aí depois de amanhã ele tá lá, depende a inclinação dele e os Três Reis quiser. Cada qual, os três Reis já alumiô, cada qual na folia tem a sua posição. Se ele te alumiô pra ser o embaixador, cê é embaixador. Se ele me alumiá pra ser uma resposta sua, eu sou uma resposta sua. Se ele te alumiá pr'ocê ser embaixador, pr'ocê começar da primeira até sair a derradeira. Você é aquilo que ele alumiô. E por aí vai seguindo os outro, porque cada qual tem a sua função.

MS – Precisa haver um aprendizado? Se num insistir, se não for persistente, você acha que isso influencia?

AF – É, influencia. Tem que ajudar. A pessoa às vezes tem vontade de fazer aquilo, então ele vai fazer. Tem até a permissão pr'ele fazer, cê dá a permissão pra ele fazer, ele vai fazer e ele erra, errou, ele já quer sair fora. Aí, cê tem que chegar com calma, conversar com ele: “Não, você tem que seguir, porque num é assim não, todo mundo erra.” Cê tem que conversar com ele direitinho, pra ele colocar na cabeça: “Não, fulano tá certo, eu vô seguir.” E através daquele, vai entrando outro, a gente vai explicando, ele já aprendeu, vai explicando pro outro, e por aí... vai seguindo. (Depoimento em 6/01/2005).

Neste argumento, percebe-se que os indivíduos socializam a memória simbólica e produtiva da Folia, sendo esta – formada de bens materiais e imateriais – uma condição fundamental para a manutenção e reprodução desses saberes. Nas atividades coletivas da Folia, em um determinado contexto, os indivíduos constituem relações e

processos educativos de recíproca influência e determinação, como reflete Ademir. Admite-se, além disso, que o erro faz parte do processo de aprendizagem e que a explicação, paciente e sistemática, assumida pelos pares, ajuda na construção e domínio do conhecimento. Em muitos momentos, os conceitos e saberes trabalhados se baseiam na vivência cotidiana e experiência pragmática, por isso são enfatizados a partir do senso comum, descontextualizados historicamente, fragmentados, mas não menos significativos, polissêmicos e determinantes na realidade humana. Apesar dessa característica, é importante ressaltar que a educação que se processa na Folia não pode ser caracterizada como um processo educativo simples, puramente espontâneo, inintencional, natural e irrefletido. Esta deve ser compreendida em sua historicidade e na dialética das relações e condições vividas pelos indivíduos, pois o mundo sensível é produto de uma construção histórica, sendo este resultado da continuidade e transformação da vida social: “[...] o resultado da atividade de toda uma série de gerações, cada uma das quais alçando-se aos ombros da precedente [...] modificando a ordem social de acordo com as necessidades alteradas” (MARX; ENGELS, 1989, p. 67).

O processo de ensino-aprendizagem do saber artístico-estético no coletivo da Folia se constitui, no caso investigado, mediante as percepções, apreciações, intenções, intervenções, interações, práticas, apropriações, consciências, entre outras atividades e atitudes estabelecidas entre seus agentes. Como sujeitos sociais, históricos e culturais, estes se educam e se transformam mutuamente, tanto pela mediação de suas produções especializadas como pelas relações, práticas, informações e produções que compõem a vida cotidiana. Como prática social, historicamente construída, situada num dado contexto, as relações e as atividades educativas envolvem a todos, independentemente de idade, gênero, condição material-financeira ou autoridade. Todos no grupo desempenham um papel – mais ou menos ativo, direto e consciente – no modo de ser, saber e educar, pois cada pessoa é reconhecida em sua individualidade, vista com suas particularidades, necessidades e possibilidades. Todos são valorizados em suas qualidades e sua autonomia, incentivados a participar nas etapas de produção do ritual e no domínio dos saberes da Folia, assim como, motivados em seus processos criativos e expressivos.

Isso não quer dizer, entretanto, que há ausência de direção, de relações hierárquicas ou de mando no interior do grupo. Como uma dimensão concreta e dinâmica da realidade social, a educação é assumida no grupo como mais uma dimensão do humano que necessita ser socialmente compartilhada e constituída em seu sentido, valor e formatividade como cultura – sendo esta historicamente determinada e apreendida. Nesse movimento, então, presenciam-se muitos momentos de tensão, de rebeldia, de insatisfação e desejos individuais não plenamente satisfeitos. Durante a pesquisa, ficou claro o papel de intermediário dessas tensões exercido por alguns membros do grupo, destacando-se principalmente a figura de liderança de Miguel.

Pode-se afirmar que o grupo tem consciência das dificuldades e da necessidade de implementar ações no sentido de autocontrole e controle coletivo das vontades individuais. Ademais, não se trata de uma imposição. Acompanhando o processo vivido pelo grupo, verificou-se uma constante negociação de significados e sentidos pessoais, um convencimento pela razão coletiva e uma exigência de desprendimento do puro gosto individual. Nesse caso, o conteúdo moral e ético da educação da folia nos grupos estudados se aproxima, paradoxal e contraditoriamente, do ideário democrático, em vias de construção.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A educação como cultura*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere, volumes 1-4*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. 7 ed. São Paulo: Hucitec, 1989.
- SNYDERS, George. *Escola, classe e luta de classe*. Lisboa: Moraes, 1981.
- VAZQUEZ, Adolfo Sanchez. *Filosofia da praxis*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.